

FERNANDO MAROJA SILVEIRA

**O ESCRAVO
DO
VAZIO**



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S587E SILVEIRA, FERNANDO MAROJA, - 1981.
O ESCRAVO DO VAZIO / FERNANDO MAROJA SILVEIRA -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

82 p. : 18 cm.

ISBN 978-85-5833-240-8

1. POESIA I. TÍTULO

CDD.: B869.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

A BURCA DO VENTO

O vento é o único terrorista que me levará ao paraíso.
Quando a sua burca resvalar na pele
e rachar a neve da Avenida Nevsky,
o vento se tornará o cavalo de Raskólnikov.
Nós explodiremos pelos ares
e no fogo de Áries
eu voarei como as cinzas.

O CANTO DA AREIA

Elevar-se,
mas não pela teia que prende as estrelas
na masmorra do céu.

Não pela escadaria do trovão,
desmantelada no galopar da chuva,
quando as gotas saltam como os cavalos,
para derrubar o homem
no tabuleiro de xadrez.

Elevar-se,
pelo canto da areia
e chegar ao topo da pirâmide,
onde apenas o extremo do vazio se equilibra:
ventania, bailarina.

Elevar-se
pelo canto da areia
e chegar ao deserto,
o único lugar fora do tabuleiro de xadrez.

TU ERAS ESTRELA

Abre a mão e vê nos teus dedos as cinco pontas da estrela que tu eras, antes de seres areia livre, na ventania que voa no deserto.

Vê na palma da tua mão as marcas do muro que escalavas, para seres estrela sobre a mão do céu.

Sim, o céu também é mão. Seus dedos são as grades do cárcere onde as estrelas são presas, mas um dia tu fugiste, para ser areia.

TOURADA

O inverno é tourada,
guerra de neve contra pele,
hora do vento afiar a navalha
na vala das ruas.

A neve é touro, outro vocábulo não há
para nomear o animal que salta do pedestal
e corre mais que o mar,
a perfurar a humanidade e espionar
seus porões.

Viena, Café Sluka, 16/11/2016

VENEZA

Veneza,
voz de Vênus e vento de Orfeu,
Deus lançou flechas nas tuas veias,
velas de sangue e sereias.

Cantas
e as cidades gritam
contra o pus e a imagem da cruz
na tua morte.

Veneza,
as gôndolas são flechas
que derramam teu sangue azul,
mas eu amo a canção da morte
e odeio o grito das cidades.
Apenas a leveza da música
e as flores fúnebres
voam nos ombros do vento.

Veneza,
virgem e balzaquiana,
dama dos poetas,
as cidades crescem como árvores
de Eva e Adão,
e não há comida,
senão a maçã das formigas
e das igrejas as missas.

Veneza,
vazia de formigas, de cadeiras
vazias, cheias de beleza,
toda cidade é um formigueiro,
cheiro de pessoas e ossos,
mas tu não és uma cidade
e sim uma folha de papel,
véu do meu amor.



www.editorapenalux.com.br



fernandoms81@hotmail.com



[/fernando.maroja](https://www.facebook.com/fernando.maroja)